

# VISLUMBRE-E-ATO DO POSSÍVEL PROPULSIVO DIALÓGICA E ARTE DRAMÁTICA DA IMPROVISACÃO

## Sobre o sentido e importância do improvisativo na concepção e método da Gestalt Terapia e da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial

*Afonso H Lisboa da Fonseca, psicólogo.  
Laboratório Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.*

Gestalt Terapia -- e qualquer abordagem fenomenológico existencial -- tem a *improvisação*, a soberania da valorização do *momentum* improvisacional, como uma de suas características fundamentais.

Fundamental porque, em particular, é a *im-pro-vis-ação* – este modo de ser ativo que provê um vislumbre (Heidegger diria *pré-compreensão*) do possível e da possibilidade de seu desdobramento -- uma condição básica da perspectiva existencialista, da ontologia, da fenomenologia existencial, da concepção e método da Gestalt Terapia e de uma abordagem de psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial. Grosso modo, o empirismo do vivido fenomenal é e permite a improvisação, como *âmbito dialógico no qual o possível, o ato, a ato ação, se vislumbram, são possíveis e, efetivamente, se desdobram*.

Daí ser interessante qualificar o que significa, e a importância, desta característica da *improvisação* na fundamentação filosófica, concepção e método da Gestalt Terapia e das abordagens fenomenológico existenciais de psicologia e psicoterapia..

Nos círculos *sérios e respeitáveis*, moralistas em geral, a idéia em geral de *improvisação* é vista com um respeitável e sério balançar de cabeças, olhares reprovadores, bocas tronchas e risos sarcásticos...

E, diga-se de passagem, não há como não concordar, diante do sentido da *“improvisação” num sentido vulgar e pobre*: não estar preparado, não estar pronto diante de uma tarefa assumida. E *“improvisar”*, como lançar mão de capacidades ou recursos impróprios, inadequados, limitados, insuficientes para a responsabilidade que se tem diante,

e para a qual não se teve o cuidado de se preparar, ou de saber, ou não, se podia estar preparado...

É certamente por isto que num certo momento o *I Ching* comenta, “...*tudo que importa é estar preparado...*”

De passagem, também se diga, que é uma soberba forma de incompetência o recurso habitual, mecânico, ao premeditado, ao comportamental repetitivo, aí incluído o *técnico*, ou ao reflexivo evitativo, quando a ação é requerida, a atualização, atu ação que interpreta o possível, e que só se possibilita no âmbito do improvisacional

Não é à *improvisação* num sentido vulgar *que nos referimos*.

A improvisação, tal como ela se configura existencialmente, e na prática de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia, exige preparo...

O sentido vulgar de *improvisação*, e o moralismo, não podem obscurecer o sentido germinal da idéia de *improvisação*, e a fundamental importância não apenas deste sentido maior, mas, em particular, desta *modalidade de ser* na condição humana, em particular no desdobramento de suas questões existenciais. E, portanto, na fundamentação filosófica, concepção e método de uma abordagem de psicologia e de psicoterapia fenomenológico existencial.

Não é certamente exagero nem impróprio dizer-se que só existe ação na improvisação. E *ação* especificamente entendida como o vir-a-ser, *ato ação*, do possível...

Nietzsche chama a atenção para isso. Ele observa ( ) que, em geral, pensamos que premeditamos uma ação, e agimos *de acordo com o premeditado*. A premeditação, não obstante, é uma coisa -- que pode inclusive não ser da ordem da ação, pode ser da ordem do comportamento, ou da reflexão, por exemplo -- que efetivamente não são *ação* --; a ação é outra coisa, ou seja: a ação é um outro modo de ser.

*A ação é um mistério...*, diria Nietzsche ( ).

Como modo de ser, a *reflexão*, já é um *re-torno* à memória de um vivido, que em seu momento próprio foi ativo, mas que já se foi como vida vivida, ativa, encarnada; digo, não abstrata... É re-presentação, e não apresentação...

O *comportamento*, aí incluída a técnica, é atividade estruturada passadamente. É repetição de formas padronizadas, condicionadas de atividade, para a qual já se pode ter uma expectativa.

O que deles, da *ação* e da *reflexão*, distingue a *ação* é o vir a ser de possibilidades, o re-torno, re-volta do possível. A ação, atu ação, é este re-torno, esta re-volta, do possível, a ação atu aliza o possível propulsivo.

Assim, o que caracteriza o especificamente *ato*, a *ação*, é que neles (uma) possibilidade(s) se atualiza (m), desdobra(m)-se, vem (vêm) a ser. Possibilidade que está extinta já ao nível dos modos de ser do *comportamento* ou da *reflexão*.

E aí é que está a questão. Carecemos vitalmente da *reflexão* e do *comportamento*. E eles são como “estar com os calcanhares no chão”. Nossa vida cotidiana carece do *reflexivo* afastamento, afastamento da vivência do *modo de ser do vivido*, para instrumentar-se, e contingenciar novas formas e possibilidades de ação. Necessitamos em nossa vida cotidiana

da atividade padronizada e repetitiva do *comportamento*, e da *reflexão*, no desdobramento de funções igualmente padronizadas e repetitivas.

Num dado momento a ação seria, metaforicamente, como levantar-se na ponta dos pés. *Não podemos permanecer na ponta dos pés*. Daí que precisamos da reflexão e do comportamento.

No momento todavia da *ação*, da *atuação*, atualização de possibilidade, a reflexão e o comportamento não dão conta.

Por mais que estejamos adestrados neles, por mais que tentemos o seu modo específico de ser, inclusive (no que chamamos de) neuroticamente. Na reflexão e no comportamento ocorre como na metáfora de Buber: por mais que embaralhemos um baralho: as cartas permanecerão sempre as mesmas. Apenas a repetição.

O momento da ação é o momento da necessidade do possível, o momento da criação e da atualização do novo. Da *experimentação* que lhes permite.

Daí que Fritz Perls observa: *as questões existenciais humanas só se resolvem experimentalmente*.

Ou seja, pelo modo de ser do vivido e do desdobramento do vivido, no qual o possível, como incontornável dimensão ontológica, é possível e se desdobra. Em especial porque o comportamento e a reflexão, exteriores ao nosso modo de ser vivencial, não acessam a nossa dimensão ontológica do *pré-ser*, do possível “em nós” e do seu desdobramento. O comportamento e a reflexão não acessam, por impróprios, esta dimensão ontológica vivencial de nosso ser em que o possível é possível e se desdobra; a dimensão de nosso ser onde vigoram as possibilidades e a possibilidade de sua atualização e desdobramento. Possibilidade esta cuja vivência chamamos de *experimentação*.

O *modo de ser* da ação está fora, assim, do *modo de ser* da reflexão e do comportamento. De forma que o modo de ser próprio da ação, da atuação, atualização de possibilidades, é pré-reflexivo, vivido, e não comportamental.

Por definição, a ação, que atualiza possibilidades, não é comportada. O novo, a ação não são da esfera do comportamento. A ação não é reflexiva, não é da esfera da reflexão.

A ação é própria deste modo de ser que é pré-reflexivo, o vivido, ser no mundo, o fenomenal, fenomenativo. Este modo de ser que, ontologicamente, contém, caracteristicamente, o *vislumbre* do *pré-ser*, o *vislumbre* do possível, em seu caráter propulsivo, em sua emergência e/ou urgência.

O que é próprio assim deste do modo de ser -- que não é reflexão, nem comportamento, e que é o *vivido, fenomenal, pré-reflexivo e pré-conceitual*, -- é que ele, caracteristicamente, além de ser vivido, pré-reflexivo e pré-conceitual, é sempre (*vis*)*lumbre*, *lumbre* (brilho, aparecimento, acontecimento) da emergência e/ou urgência vivida do possível, da possibilidade. Que se apresenta como emergência e/ou urgência de uma alteridade, de uma outridade, do nós mesmos/mundo, no qual estamos indissociavelmente, *intencionalmente*, vinculados...: *Pré-ser*, como diria Heidegger, possibilidade vislumbrada, e que, em sua força de *possum*, se desdobra como nosso ser no mundo...

É essa *vislumburada*, *vislumbre*, *vislumbração*, da outridade, possível (possibilidade, potente, em sua emergência e/ou urgência, como **vivência** da possibilidade propulsiva que se desdobra como o “nós” mesmos/mundo”, enquanto somos/vimos a ser) que se configura especificamente o como o **vis** – **vislumbre** -- da **improvisação**. (É interessante observar como *vislumbre* é uma palavra *intencional*, fenomenal. Como ela integra o *ver* com o *brilho do visto*, o *vis* e o *lumbre*).

Ou seja: esta vislumbração do possível é própria deste *modo de ser*, que é **visação**, **ação vis-a-vis com a outridade do possível**, *pré-compreensão*, que se dá como e na **im pró vis ação**, e que é ação no âmbito deste nosso modo de ser vivencial, fenomenal, fenomenativo.

Na verdade, a *improvisação* é mais propriamente *improvislumbração* do possível vivido, e, como tal, desdobrado em sua urgência/emergência. Mais especificamente, como vivência que é -- não reflexão, não teorização, não comportamento --, a *improvisação*, **impróvislumbração**, é o modo de ser que propriamente favorece e *provê* o modo de vivência, o âmbito, o *momentum*, no qual *o possível é possível, e se desdobra*. No qual é possível a experimentação fenomenológico existencial, a interpretação fenomenológico existencial, a hermenêutica fenomenológico existencial, o *contato*.

E, diga-se de passagem, de um modo mais sumário, a criação, a criatividade.

Uma das características qualitativas mais fundamentais do vislumbre do possível é a propriedade da sua temporalidade peculiar, de seu ritmo *sui generis*, deslumbrante (decaente?) e singular. Um ritmo que se nos dispomos a atualizá-lo é soberano e insubmisso em seu ciclo de vislumbre e deslumbre. Não é à toa que Heidegger falará de *Ser e Tempo*... E que Octavio Paz comentará algo como: *algo passa com o ritmo, e somos nós próprios que passamos...*

Este *vislumbre*, *alumbre*, *deslumbre* da outridade, da alteridade do possível, só se nos é dado na propriedade deste *modo de ser* que é o vivido do ser no mundo (não na reflexão e/ou no comportamento). De modo que é na vivência de ser no mundo que se constituem este vislumbre e desdobramento da possibilidade do que somos em ser no mundo.

Privilegiar este modo de ser do vivido de ser no mundo, esta vivência de ser no mundo, *pré-conceitual*, *pré-reflexiva*, é um modo de ser **em prol da vislumbração**, **emprovisação**, é *improvisação*, *improvislumbração*. (Num certo sentido *vivência* e *improvisação* são termos intercambiáveis em seus sentidos).

Daí que a existência, a resolução de questões existenciais, como *ato ação* do possível, a interpretação e a experimentação fenomenológico existenciais, a *empathia*, só se dêem no âmbito deste modo de ser que tão propriamente, e tão inconscientemente já, designamos como **improvisação**.

A condição de possibilidade da ação, de ser *ator* (que é *ser outro*, possibilitado/possibilitando-se), a condição de possibilidade de atuar, agir, vivenciar e atualizar possibilidades -- criar/criar-se, resolver/resolver-se, e ao mundo que nos diz respeito -- é situar-se (**im**) neste *modo de ser*, e privilegiar (**pró**) este *modo de ser*, no qual podemos prefigurar e prover, **vislumbrar** e provisionar -- na **improvisação** -- e possibilitar,

o desdobramento desta alteridade possível, desta outridade emergente e/ou urgente como o *nós mesmos/mundo*. E que é possível apenas na *vivência* de ser no mundo. No vivido, que é *improvisacional*.

Agir, ser ator, ser outro, a ação, só se dão no âmbito deste *modo de ser* que é **vislumbre** do possível, no *quando agora em mim*; como diria Caetano. Que é **ex-peri-ment-ação**, e desdobra, possibilita, é hermenêutica da, interpreta a, alteridade do possível no *nós mesmos/mundo*; no *quando agora em mim*. Ou seja, agir, ser ator, ser outro, a ação, dão-se própria e especificamente no âmbito deste *modo de ser do vivido*, pré-reflexivo, ser no mundo, **empático, pático, patético, peripatético, pathológico** (nada a ver com doença, naturalmente, apenas o **logos** do **pathos**), **experimental, espiritual**, que se configura no âmbito e momentum próprio do vivido improvisacional, da *improvisação*.

É este o modo de sermos no qual o possível é possível e possibilita-se, desdobra-se. Mas não como objeto.

Este modo de sermos do *vivido de ser no mundo*, este *modo de ser da improvisação*, não vigora, como vimos, no modo de ser do comportamento e da reflexão. Nos quais vigoram a não intenção de sujeitos e objetos, de causas, efeitos e realidades realizadas.

Este modo de sermos é dialogicidade, é encontro vivenciado, relação imediata, e improvisação, com a alteridade de mim mesmo, com o outro inter humano ou natural, com o sagrado, enquanto alteridades vivas e presentes, que pontualmente se desdobram em suas diferenças e diferenciações, no âmbito apenas do dialógico momentâneo, no âmbito dialógico da improvisação. Não como sujeitos ou objetos, causas ou efeitos, realidades realizadas.

Ainda que este modo de ser seja, como *ação*, na definição de Perls, não menos que o *núcleo do real*.

O dialógico improvisacional, a alteridade do possível, enquanto alteridade do mim mesmo, enquanto outro inter humano, enquanto outro natural não humano, ou sagrado, me demandam e me provêm, pessoal e intransferivelmente, pontualmente, no *quando agora em mim*, como outro possível e emergente e/ou urgente, como ator, em minha perdida diferenciação deles, e de mim mesmo. (...*meu desafio maior seria ser 'o outro dos outros', e o 'outro dos outros' era eu...* Clarice Lispector).

Não como um *sub-jectum*, mas como um **jectum** que **pro-jecta-se** na imediaticidade **im-pro-vis-ação** de seus possíveis emergentes e/ou urgentes, propusivos. Na imediaticidade da dialogicidade da relação eu-tu, diria Buber.

Importa valorizar, afirmar, ser em *prol (impro)* deste modo de ser que permite o **vislumbre** e a sua ação, o possível e o seu desdobramento, que nos convocam, e que se **projeta** como nossa vivência de ser no mundo.

Meramente porque é este o modo de ser em que o possível é possível e se desdobra, o modo de ser em que o possível se atualiza, o modo de ser em que, enquanto tal, agimos e somos atores. E, em particular, o modo de ser em que, em sendo atores, somos outros e criativos. A identificação com o vivido e com o seu desdobramento, a identificação com o possível que lhe é inerente, e com o seu desdobramento configuram na momentaneidade da *improvisação* uma *arte dramática*. *Drama* significa *ação*; e *ação, atu, atu ação*, definem-se pela especificidade de serem vir a ser de possibilidade. De modo que o *momentum* vivido,

dialógico, do vir a ser do possível, é *momentum* dramático. É arte, arte dramática. Na concepção e método da Gestalt Terapia, de uma abordagem fenomenológico existencial de psicologia e psicoterapia, os momentos peculiares de sua prática são momentos de uma arte dramática, e que se dão no âmbito da improvisação. De modo que ela se configura como o privilégio de uma dialógica e arte dramática da improvisação.

Valorizar, afirmar, favorecer, *provisionar* este modo de ser que é o vivido do ser no mundo é que é o sentido de *improvisação* é o que nos é dado pela *improvisação*.

Favorecemos, assim, este modo de ser da improvisação na concepção e método da Gestalt Terapia, e da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial, simplesmente, como dissemos, porque é nesse modo de ser que o possível é possível e se desdobra, que vislumbramos o possível em nosso pré-ser, e podemos ser e afirmar, em ação, a sua potência, e o seu desdobramento, em que podemos ser atores e outros.

Não é outro o sentido de *Contato* em Gestalt.

Contato, e o método da Gestalt Terapia -- como uma metodologia que visa uma otimização do processo do contato --, só se dão no âmbito da *improvisação*, neste sentido. Daí ser Gestalt uma abordagem eminentemente improvisacional, de provisão, e provisão, no âmbito de sua concepção e método, de uma *dialógica e arte dramática da improvisação*, tanto para o profissional como para o cliente, como atitude e método de provisão do possível emergente e/ou urgente, e de seu desdobramento. Como atitude e método de otimização do processo do contato.

122004.